

EXPRIMO-ME MELHOR ATRAVÉS DA IMAGEM

— José Cardoso, realizador cinematográfico

O público amante da chamada Sétima Arte, em particular da jovem cinematografia moçambicana, conhece José Cardoso: cinquenta e quatro anos, alto, um pouco recurvado, magro, é uma pessoa que se impõe mais pelo seu trabalho do que pela sua figura. É, aliás, bastante tímido e terá sido essa qualidade, segundo diz, que o levou definitivamente para o cinema.

Embora profissional há somente cerca de nove anos, há quase trinta anos que ganhou paixão por isso

arte. Quando se pergunta a José Cardoso donde lhe veio tal paixão ele dirá:

«Não sei, verdadeiramente, qual a sua origem. Apenas sinto que sempre tive necessidade de comunicar. Tenho dificuldades em fazê-lo verbalmente, de transmitir as minhas ideias de forma oral. Já experimentei, por isso, a pintura, a fotografia, a escultura, a poesia (ainda hoje escrevo um ou outro poema nos momentos de maior abatimento), e também cinema.

Gradualmente fui deixando cada uma daquelas coisas (excepto a poesia) e penso que sou capaz de transmitir melhor o que pretendo e o que se passa através da imagem cinematográfica. Foi tudo um processo de procura de uma forma de expressão».

Numa entrevista anterior, ele recordava: A primeira actividade cinematográfica foi quando ainda se encontrava na escola primária, na Namaacha: Era um lençol com uma vela por trás, entre os quais se faziam passar bonecos recortados de papel. Depois o interesse pela imagem ganhou forma através da fotografia:

«Tinha comprado uma máquina tipo caixa e estragava muita película. Não usava amplificador. Fazia provas de contacto directamente em 6X6. Eu próprio fiz a caixa. Quanto aos banhos, não tinha problemas porque trabalhava já numa farmácia.

«Mais tarde, eu e outro indivíduo, resolvemos juntar umas patacas e comprámos uma máquina para levarmos à prática o sonho que era o de montar uma pequena indústria cinematográfica. Havia um barraco de zinco abandonado. Pedimos autorização para o utilizarmos e começámos a montar lá um pequeno estúdio, mesmo com projectores e luzes, embora o conhecimento técnico fosse muito baixo. Havia um indivíduo que tinha uma máquina de 16 mm... Escrevemos um guião e começámos a filmar...»

PODE FAZER MAIS .

... Tempos que já lá vão! Mas que deixaram, sem dúvida alguma, muitos e gratas recordações em termos de experiência. São desse tempo de cineasta amador os filmes «O Anúncio», «Raízes» e «Pesadela» que estão na origem da recente homenagem prestada em Portugal a José Cardoso, pela Cooperativa de Cineastas de Aveiro. Segundo Cardoso, esta foi, acima de tudo, «uma homenagem à pessoa que conheci como cineasta amador e que se tornou profissional e que eles admiram e pensam que poderia fazer mais em termos de cinema».

E acrescenta: «Foram muito simpáticos, em Aveiro, e exageraram até nos elogios que me deram. Fico extremamente incomodado por isso». Nesse festival, foram passados filmes de José Cardoso, segundo-se um colóquio durante o qual o público se mostrou muito interessado em saber não só sobre o trabalho do realizador como sobre o que se passa em Moçambique em vários aspectos.

As perguntas, quanto ao primeiro aspecto, incidiam sobre o largo interregno na produção cinematográfica do interlocutor. Quanto ao segundo, segundo José Cardoso, os críticos acabaram por achar que os cineastas moçambicanos já têm escolastizado a melhor na temática, forma de tratamento dos temas, técnicas de tratamento dos filmes, etc.



Fora do trabalho, dedico-me à família, sobretudo ao mais pequeno dos meus filhos

O nosso entrevistado acha que os seus primeiros filmes tinham um carácter revolucionário em termos cinematográficos e na temática, um carácter humanista, porque na altura essa era, assim como o é ainda hoje, a sua preocupação fundamental:

«O desejo de fazer cinema, afirmou, surgiu ao mesmo tempo que o desejo de modificar a sociedade em que vivia». Desde a Independência até agora, José Cardoso já fez, como profissional de cinema, três filmes: «Que venham», «Búzi» e «Canta, meu irmão, ensina-me a cantar», além de um pequeno filme para a televisão e um documentário em vídeo.

«Canta, meu irmão, ensina-me a cantar», o seu último filme, estará presente no próximo Festival Cinematográfico de Tashkent (URSS) e, acerca dele, afirma o realizador:

«Não é o filme que desejava fazer, como sempre, aliás, acontece. Houve vários argumentos e guiões e o filme foi feito particularmente na mesa de montagem. Se algum valor tem, ele vem da riqueza da nossa música tradicional.

Ainda no campo cinematográfico, José Cardoso pretende iniciar filmagens de um filme de ficção, sobre a Educação de Pais. Além disso, vai acabar um filme de animação de que estão filmados já 15 metros e que se baseia numa banda desenhada. Simultaneamente, está a fazer a planificação técnica de três contos passados respectivamente no tempo colonial, durante a Luta Armada de Libertação Nacional e na actualidade.

UMA VIDA BANAL E SIMPLES

José Cardoso não é conhecido apenas pela sua actividade cinematográfica. É também um dos mais dedicados jogadores e promotores do Xadrez, que aprendeu a jogar e praticou em circunstâncias até curiosas, conforme conta:

«Dediquei-me bastante ao xadrez, no tempo colonial, tendo adquirido um nível razoável. Era uma forma de mobilização política, pelo menos para certas pessoas. Por isso o xadrez era uma modalidade muito vigiada pela polícia política portuguesa. Muitas vezes, agentes da PIDE disputavam conosco algumas partidas, só para descobrirem as nossas actividades

políticas, mas não o conseguiram. Por detrás desse desporto, estava de facto a ser feito um trabalho de esclarecimento político».

Depois houve um certo intervalo na prática do xadrez. Este recomeçou em Maputo, há poucos anos. José Cardoso afirma que pretende retirar-se das competições desportivas, porque quer dedicar-se apenas à preparação de jogadores mais jovens. E justifica-se: «Penso que o xadrez é um jogo que ajuda as pessoas a auto disciplinarem-se, a auto controlarem-se. E, de certa maneira, creio que ajuda, quando é praticado a partir dos cinco anos, a desenvolver as crianças em termos de disciplina mental, raciocínio e disciplina de estudo».

Além de Xadrez, gosta de outras modalidades desportivas, tais como o basquete e todas as modalidades de atletismo, que vai ver, aos campos, sempre que pode. Na juventude, praticou boxe — embora por pouco tempo «porque cheguei à conclusão de que é um desporto violento, desumano». Também praticou a natação.

José Cardoso insiste em como, para além da actividade profissional, a sua vida tem sido «muito banal, simples» e deseja que continue assim:

«Fora do trabalho, dedico-me à família, sobretudo ao mais pequeno dos meus filhos, que agora tem nove anos e precisa de mais apoio. Fundamentalmente, descanso porque não sinto que esteja a passar bons momentos em termos de saúde...»

Para o nosso entrevistado, a melhor recordação da sua vida foi, sem dúvida, a independência do País, «porque foi o que sempre desejei... aquele estado de espírito, aquele entusiasmo, aquela alegria marcaram um indivíduo». A sua maior ambição é fazer filmes para crianças:

«Acho isso muito importante. Estou a estudar seriamente a hipótese de fazer esse tipo de filmes, porque é difícil encontrar, mesmo no mercado Internacional, filmes para crianças, interpretados por crianças. Filmes, não apenas desenhos animados. Por isso este é um aspecto que me seduz e penso seriamente na hipótese de me dedicar ao cinema para crianças».

